

**DE OLÍMPIA (776 a.C.) A ATENAS (1896) A ATENAS (2004):
PROBLEMATIZANDO A PRESENÇA DA ANTIGUIDADE
CLÁSSICA NOS DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS
SOBRE O ESPORTE**

*Victor Andrade de Melo**

Abstract

This article begins with the observation that initiatives of more articulated debates between historians of antiquity and sports historians haven't been usually seen in Brazil. That is curious, especially when we notice that sport is one of the contemporary cultural manifestations that has most explicitly sought to relate with classical antiquity as for its organizations and speeches, something clearly perceivable in one of its most renowned facets: the Olympic Games. This study aims to discuss the nature of the efforts of entailing the modern Olympic Games (recreated in 1896, from the denoted work of the French baron Pierre de Coubertin) with classical antiquity. This relation becomes explicit in the event of the Olympic Games of 1936 (Berlin) and can

Resumo

Este artigo parte da observação de que, no Brasil, não têm sido comuns iniciativas de um diálogo mais pronunciado entre os historiadores da Antiguidade e os historiadores do esporte. Isso parece curioso, ainda mais quando identificamos que o esporte é uma das manifestações culturais que na contemporaneidade tem feito de forma mais explícita a busca de relação com a Antiguidade Clássica, no âmbito de suas organizações e discursos, algo destacadamente perceptível em uma de suas facetas mais conhecidas: os Jogos Olímpicos. Este estudo tem por objetivo discutir a natureza da busca de vinculação dos Jogos Olímpicos modernos (recriados em 1896, a partir da ação denotada do barão francês Pierre de Coubertin) com a Antiguidade Clássica. Esse relacionamento torna-se explícito na realização dos Jogos Olímpicos de

* Professor adjunto da Escola de Educação Física e do Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ. Bolsista de Produtividade do CNPq. Coordenador do Grupo de Pesquisa "Anima": Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais e do "Espaço Virtual de História do Esporte"; pesquisador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente/IFCS/UFRJ e do Programa Avançado de Cultura Contemporânea/UFRJ.

be easily seen on the polemic documentary Olympia (1938), by Leni Riefenstahl, a notable source used in our study. We hope that this article, which presents more problematizations than conclusions, may contribute to stimulate debates and meetings among historians of antiquity and sports historians, creating new investigation perspectives.

Keywords: sport; Olympic Games; Historiography.

1936 (Berlim) e pode ser bastante identificável no polêmico documentário Olympia (1938), de Leni Riefenstahl, fonte que elencamos como privilegiada em nosso estudo. Esperamos que este artigo, que certamente apresenta mais problematizações do que conclusões, possa contribuir para estimular os encontros e diálogos entre historiadores da Antiguidade e do esporte, abrindo novas perspectivas de investigação.

Palavras-chave: esporte; Jogos Olímpicos; Historiografia.

Introdução

No editorial que abre o penúltimo número da revista *Phoënix* (2005), Neyde Themel e Regina Bustamante, ao discutirem a trajetória e os desafios encarados pelo periódico em seus dez anos de existência, comentam que com uma frase irônica sintetizavam o preconceito, identificável no Brasil, com a investigação em História Antiga: “‘Nas escolas brasileiras, aprende-se que Adão foi o primeiro homem e o segundo, Cabral’”. Assim, este considerável interregno entre Adão e Cabral era negligenciado pela incompreensão do valor dos estudos nesta área de conhecimento no país” (p.9).

Na área de História do Esporte, com a qual venho trabalhando já há algum tempo, não é incomum encontrarmos, em antigos livros e artigos, algumas informações sobre a Grécia, Roma ou o Egito na Antiguidade.¹ O que ocorre é que, até mesmo em função da natureza de tais estudos,² normalmente tratava-se de apresentar um conjunto de fatos e dados, quase que como uma curiosidade ou somente com o intuito de “provar” que o objeto é importante, já que possuiria uma ligação direta com “o glorioso período da Antiguidade”.

Depois de muitos anos nos quais a produção brasileira esteve limitada a poucas referências, a partir da década de 1990 é possível observar um aumento exponencial do número de estudos históricos que têm como objetos de investigação as práticas corporais institucionalizadas (o esporte, a educação física, a ginástica, a capoeira, a dança, entre outras).³ Contudo, nesse novo cenário, as discussões sobre a Antiguidade praticamente desaparecem dos fóruns específicos ligados à História do Esporte.

Isso não significa que tais discussões não tenham sido entabuladas em nosso país. Basta um olhar panorâmico nos livros e periódicos ligados à História Antiga para que seja possível identificar que as práticas corporais institucionalizadas têm sido alvo de algumas investigações, como, por exemplo, nos estudos de Fábio Lessa (2004, 2005, 2006). De qualquer forma, creio que seja possível afirmar que não podemos ainda observar, no Brasil, iniciativas de um diálogo mais pronunciado entre os historiadores da Antiguidade e os historiadores do esporte (estes mais dedicados a estudos da contemporaneidade).

Este artigo é, em certo sentido, fruto inicial de um projeto de busca de acirramento de tal diálogo. Atuando nos últimos anos no Programa de Pós-graduação em História Comparada – IFCS/UFRJ, fui convidado pela Prof.^a Maria Regina Cândido a proferir uma palestra na *VI Jornada de História Antiga I Encontro de História Comparada das Formas Narrativas*, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2006. A partir daí, juntamente com o Prof. Fábio Lessa e com a Prof.^a Norma Mendes, resolvemos oferecer uma disciplina no âmbito do referido programa (História Comparada das Práticas Corporais: Grécia, Roma, Modernidade), que pretende inaugurar um campo experimental de investigações comparadas.

Outras ações de promoção de encontros e diálogos estão em andamento. Em conjunto com a Prof.^a Regina Bustamante, temos estabelecido os primeiros contatos para o desenvolvimento de um estudo comparado sobre o pugilato romano e o boxe moderno. Há uma iniciativa de construção de um projeto coletivo no âmbito da linha de Pesquisa “História Comparada das Formas Narrativas”, em conjunto com os colegas Álvaro Bragança, Arlete Mota, Cláudia Prata, Maria Regina Cândido. Proferiram palestras no *VIII Seminário Lazer em Debate* (Rio de Janeiro, 2007) os professores Fábio Lessa, Norma Mendes, Regina Bustamante, Andréa Frazão, Álvaro Bragança e Leila Rodrigues.

As perspectivas parecem alvissareiras, mas há muito trabalho a ser feito. Certamente estamos inspirados pelas palavras de Theml e Bustamante (2005), quando comentam o percurso do periódico *Phoînix*:

Havia o equívoco em não perceber a atualidade, a modernidade e a pertinência dos estudos da Antiguidade. Havia o equívoco, portanto, em se avaliar o saber histórico com o crivo do burocrata,

incompatível com o real desafio do historiador: indagar, pesquisar, criticar e fazer nascer a História Antiga do diálogo entre o antigo e o moderno, ou, se preferirem, entre os antigos e modernos (p. 9).

Há ainda uma dimensão importante que impulsionou a realização deste artigo. Parece-me que o esporte é uma das manifestações culturais que na contemporaneidade tem feito de forma mais explícita a busca de relação com a Antiguidade Clássica, no âmbito de suas organizações e discursos, algo destacadamente perceptível em uma de suas facetas mais conhecidas: os Jogos Olímpicos.⁴

É influenciado por essas reflexões iniciais que este estudo tem por objetivo discutir a natureza da busca de vinculação dos Jogos Olímpicos modernos (recriados em 1896, a partir da ação denotada do barão francês Pierre de Coubertin) com a Antiguidade Clássica. Esse relacionamento entre as práticas esportivas modernas e antigas torna-se explícito na realização dos Jogos Olímpicos de 1936 (Berlim) e pode ser bastante identificável no polêmico documentário *Olympia* (1938), de Leni Riefenstahl, fonte que elencamos como privilegiada em nosso estudo.

Esperamos que este artigo, que certamente apresenta mais problematizações do que conclusões, possa contribuir para estimular e dar seguimento aos encontros e diálogos entre historiadores da antiguidade e do esporte, abrindo novas perspectivas de investigação.

Os Jogos Olímpicos modernos: o contexto da "invenção" de uma nova tradição

A primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos foi realizada na cidade de Atenas (Grécia), no ano de 1896, depois de uma série de debates, iniciativas de articulação, tensões, de um congresso realizado na França, no ano de 1894, e da criação do Comitê Olímpico Internacional, em 1895, um processo liderado e centralmente idealizado pelo barão francês Pierre de Coubertin.

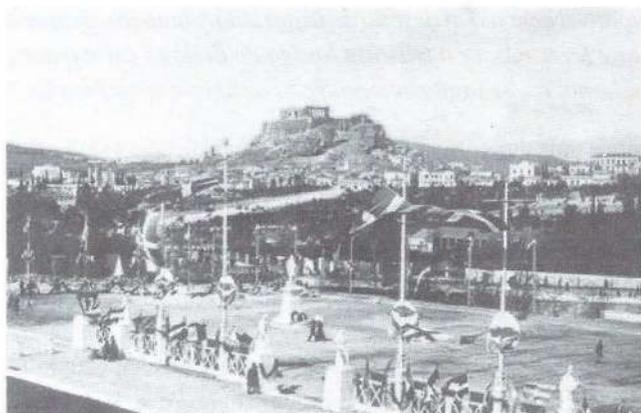


Foto do Estádio Olímpico, com Acrópolis ao fundo. Atenas. 1896

Fonte: Museu Olímpico/Comitê Olímpico Internacional

Na França da transição dos séculos XIX e XX, especialmente em sua capital Paris, locais e período-chave para compreender a modernidade, podia-se identificar, notadamente entre os membros das elites socioeconômicas, um grande desconforto, incômodo e descontentamento com os problemas advindos do crescimento das cidades e das peculiaridades da nova dinâmica social. Aquele *fin de siècle* era marcado por uma certa perplexidade e insegurança em função da reordenação dos padrões de vida:

Responsabilizava-se a vida moderna, especialmente urbana, pela deterioração física e psíquica (...) Conscientes da desgraça que os circundava, os habitantes das cidades atribuíam-nas às mudanças rápidas e altamente visíveis operadas pelo crescimento industrial e pela atividade especulativa (WEBER, 1988, p. 33).

As elites demonstravam claras preocupações com o que pensavam ser o declínio moral da sociedade, fruto inclusive de uma ampliação da presença social das camadas populares. Nesse contexto, grassava a idéia e a sensação de decadência:

A decadência, esboçada pelos poetas românticos, seria afirmada pela descrição naturalista, saudada por aqueles que saboreavam seus refinamentos concomitantes, denunciada com amarga satisfação pelos que viam seu mundo se esfacelar (WEBER, 1988, p. 21).

É inegável que, nesse âmbito, o “corpo” vem para o centro do debate, algo que dialoga com o desenvolvimento científico, com a redução da influência religiosa, com o crescimento e valorização das vivências sociais de lazer, com a organização dos primórdios do que muitos anos depois Guy Debord (1997) chamaria de “Sociedade do Espetáculo” (MELO, 2006).⁵ O corpo passa a ser motivo de curiosidade, bem como de preocupação e controle.

João Luiz Vieira (2003) sugere não ser casualidade o fato de que o cinema fora inventado no mesmo momento em que se descobriam os raios X. Desde o século XVIII se observava uma mudança paulatina na relação da prática médica com o corpo. De algo pouco conhecido, ele vai sendo transformando em um objeto legível, traduzível em imagens que poderiam ser expressas em palavras.

Se uma nova relação e consideração para com o corpo estavam sendo construídas, um novo sistema de regulação, de disciplinarização, se fazia necessário.⁶ Que corpo é esse o da modernidade? A quem serve e deve servir? Como impedir a “deterioração do corpo” pelas condições da vida moderna? Essas passam a ser questões constantes naquele contexto.

Devemos aqui também lembrar que, no cenário de descoberta das culturas de países africanos e asiáticos, observa-se na Europa um fluxo de valorização dos “corpos dos nativos”, algo que dialoga com tendências, ainda que idealizadas, de valorização do campo (em oposição à cidade) (CLARK, 2004), e que está na base do desenvolvimento do “primitivismo” no âmbito das artes plásticas, futuramente influência marcante na obra de Pablo Picasso e nos momentos primeiros do Cubismo (HARRISON; FRASCINA; PERRY, 1998).

Havia, enfim, um grande debate sobre as formas adequadas de preparação desse novo corpo moderno. Nesse contexto, surge uma forte tendência de, desde uma leitura peculiar do modelo de corporeidade grega, encará-la como exemplo a ser seguido à busca de construção da idéia de harmonia, perfeição, saúde. À “decadência” do urbano moderno, que em muito lembrava a Roma Antiga, na apreensão do momento, e ao ambiente repressor da cristandade medieval, era apresentada em contraposição uma idéia paradisíaca de Grécia Antiga, povoada de poetas e atletas (LIND, 2000), algo que era, em certo sentido, lembrado pelas culturas primitivas recém redescobertas pelo continente europeu.

Vale ter em mente, assim, o que afirma Michael Lind (2000): “O neoclassicismo do final do século 18 não foi tanto a fase final do humanismo da Renascença e do barroco quanto o início de um novo primitivismo romântico que iria se manifestar no romantismo do século 19 e no modernismo do século 20.” Assim, essa leitura da Grécia Antiga dialoga com uma série de outras apreensões. Lembremos que a transição do séc. XIX para o XX é marcada pela influência do ecletismo, manifesta inclusive no âmbito da arquitetura e das artes plásticas (CLARK, 2004; FRASCINA e colaboradores, 1998).

Na França daquele momento, um fervilhante debate se dava entre os defensores da ginástica como método adequado de preparação corporal (organizados em torno do Método Francês de ginástica, não mais de características somente analíticas, e em torno do Método Natural de Hebert, já sintético) e os defensores do esporte como forma adequada de educação, um claro diálogo com a experiência inglesa: “(...) uma disputa ‘cortês’ entre Tissié (educação física sistemática) e Didon (desenvolvimento moral através do esporte) (DACOSTA, 1999, p. 61).

Pierre de Coubertin participa ativamente desse debate, considerando o atletismo e os jogos esportivos como ferramentas fundamentais para regenerar a juventude francesa. Seriam estratégicos para remediar os males da civilização industrial e permitir a continuidade do progresso. Possibilitariam trabalhar a idéia de autodisciplina e forjar corpos saudáveis, tão necessários ao aperfeiçoamento do sistema (WEBER, 1988).

Coubertin não era frontalmente contrário à ginástica, apenas desejava uma leitura contemporânea da prática de atividades físicas. Relia a experiência inglesa de utilização dos esportes no sistema educacional a partir de um diálogo específico com a Grécia Antiga:

Entre 1886 e 1888, outro francês, Pierre de Coubertin, reagira aos medos de degeneração física e moral defendendo a introdução na França da ginástica, exercícios atléticos e esportes, que pareciam favorecer o progresso na Inglaterra e nos Estados Unidos que ele admirava. Seu objetivo, declarado numa conferência de 1887, era ‘fortalecer, numa juventude fraca, distraída, confinada, seu corpo e seu caráter’ (WEBER, 1998, p. 38).

Obviamente tratava-se também de uma posição estratégica: mobilizar os gregos ao redor de seu discurso era uma maneira de contrapor as

críticas dos defensores da ginástica ao modelo inglês, considerado inadequado pela extrema competitividade.

Essa releitura de Coubertin, portanto, é feita não no sentido de “reproduzir” o que havia na Antiguidade Clássica, mas sim de “inventar uma nova tradição”,⁷ ainda que, notadamente no âmbito dos discursos, articulada com uma tradição da Antiguidade. Coubertin seleciona para seu projeto o que o justifica, abandonando, desconhecendo ou negligenciando outras dimensões.

As competições não devem ser entre países, mas entre cidades; os atletas devem ser amadores; as mulheres não deveriam se envolver com as competições; os Jogos Olímpicos devem ser realizados de quatro em quatro anos; as guerras deveriam cessar para a realização do evento; todas essas são facetas muito visíveis dessa busca de conexão com a Grécia Antiga. Todas adequadas ao seu projeto para a modernidade. Trata-se de uma releitura moderna e eclética do período da Antiguidade.

Adequados a seu tempo, dialogando com o crescimento da idéia de espetáculo, influenciados pelos “internacionalismos” comuns à transição dos séculos XIX e XX,⁸ não por acaso, assim, os primeiros Jogos Olímpicos modernos foram realizados em Atenas. Mais ainda, até mesmo em função do fracasso das edições dos Jogos Olímpicos de 1900 (Paris) e de 1904 (Saint Louis), eventos integrados a Exposições Mundiais, em 1906 realizou-se uma edição extraordinária do evento em Atenas, a partir do pretexto de comemoração do 10º aniversário do “recomeço” dos Jogos. Recorria-se à tradição tendo em vista seu próprio fortalecimento (ainda que esses Jogos nunca tenham sido reconhecidos como oficiais pelo Comitê Olímpico Internacional).

Dando um salto para um passado recente, não por acaso houve enormes polêmicas no que se refere à escolha da sede dos Jogos Olímpicos de 1996: Atlanta, e não Atenas, como reivindicavam os defensores da “tradição”. Essa edição acabou conhecida como “Jogos da Coca-Cola”, pois a cidade norte-americana era o local da sede dessa empresa, que muito se empenhou para que a competição lá fosse realizada.

Os Jogos voltaram para Atenas somente no ano de 2004. Ainda assim, tal realização foi cercada de polêmicas, tendo em vista a desconfiança acerca da capacidade dos gregos de organizar evento de tamanha magnitude, algo que se comprovou na prática com as dificuldades encontradas e os

atrasos na preparação desta edição. Vejamos que a idéia de “tradição”, tão mobilizada pelo Movimento Olímpico, acaba também estabelecendo elementos dificultadores para o desenvolvimento de algumas ações no quadro específico da contemporaneidade. De qualquer maneira, a idéia permanece importante.

Não por acaso existe a “Academia Olímpica Internacional”, situada em Olímpia, palco “original” dos jogos da Antiguidade,⁹ ligada ao Comitê Olímpico Internacional e responsável por defender os princípios do Olimpismo, por meio da promoção de cursos e encontros. Ainda que seja motivo de críticas um suposto afastamento do Movimento Olímpico dos seus próprios ideais, sua “tradição”, a vinculação a essa “filosofia”, faz parte da construção de uma imagem, sendo mesmo importante como estratégia de mercado.

Uma possibilidade interessante de investigação seria discutir como, nos discursos de teóricos ligados ao Olimpismo, foram mobilizados conceitos ligados à Antiguidade Clássica. Hans Lenk (1976, *In*: TAVARES, 1999), por exemplo, claramente define que a idéia de tradição (relacionada à relação de valores entre Jogos modernos e Jogos da Antiguidade) é uma das características do Olimpismo. Jim Parry (1997, *In*: TAVARES, 1999) supõe uma reinterpretação de conceitos centrais da cultura grega: *kalós kagathós* e *areté*. Creio, todavia, que para os intuítos de nosso estudo vale a pena uma discussão mais detida sobre um dos personagens principais dessa história: o barão Pierre de Coubertin.

A construção do pensamento de Pierre de Coubertin

A construção do pensamento de Pierre de Coubertin, no contexto de grande influência da filosofia eclética (França do *fin de siècle*), já tem sido motivo de investigações de vários pesquisadores.¹⁰ Ainda que apresentasse diferentes definições no decorrer de sua obra,¹¹ podemos dizer que, em linha gerais, Coubertin concebia o Olimpismo como um tipo de humanismo universal: o esporte era uma prática cultural e a estética era uma dimensão central para articular imagens e experiências na constituição de uma forma de intervenção no contexto social (BROWN, 1996).

Um dos conceitos-chaves trabalhados por Coubertin era o de eurritmia, a partir do diálogo com a idéia grega de “*Eurhuthmia*”, para ele, em linhas gerais, entendida como uma beleza que é efêmera e espontânea, reflexiva; uma beleza harmônica e unificada; uma beleza moral.

No contexto de valorização da Grécia Antiga, observável no decorrer do século XIX e nos primeiros anos do século XX, esse conceito fora mobilizado também por outros teóricos. Vale lembrar, por exemplo, que Emile Dalcroze fez uso dessa idéia, a partir do diálogo com as considerações de R. Steiner, para sistematizar um método de treinamento para o balé clássico e para a dança moderna.¹²

Na verdade, a leitura de Coubertin dialogava com as idéias do intelectual escocês John Ruskins, que por sua vez fazia uma tradução do conceito grego para a modernidade articulando-o à necessidade de propugnar um processo de educação popular. Ruskins trabalhava a idéia de que o espectador era um elemento central na criação e desenvolvimento da idéia de euritmia, devendo ser sempre envolvido no círculo de beleza e harmonia gerado por uma intervenção/ação (BROWN, 1996).

Não surpreende, assim, que Coubertin tenha organizado, juntamente com o Comitê Olímpico Internacional, em 1906, a Conferência Consultiva de Arte, Literatura e Esporte. Nela ficou resolvido que deveria ser incluída uma competição artística no programa dos Jogos, e ficou claro a influência da arquitetura no seu pensamento.

Nesse ponto, uma vez mais explicitamente identificamos uma forte conexão com a Antiguidade Clássica: a maior parte de suas idéias sobre a arquitetura vinha de sua interpretação sobre os festivais esportivos e construções da Grécia Antiga. Sua crítica à arquitetura de seu tempo o forçava a olhar para trás à busca de soluções. Para ele, o estádio moderno deveria evocar o espírito grego antigo e ser responsável por contrapor a indigna e desumanizadora arquitetura urbana. A questão não era rejeitar as idéias da modernidade, mas apontá-las para determinados sentidos e significados interessantes a um novo projeto social, cultural e político, a partir de um encontro com os gregos.

Outro fator importante que deve ser considerado na construção de suas idéias era sua ligação com Maurice Pottecher, um importante intelectual francês do *fin de siècle*, fundador e responsável pelo Teatro do Povo, uma companhia de amadores que representavam peças escritas pelo próprio autor. Maurice foi um dos líderes dos movimentos populares de teatro, conectado com a idéia de educação popular (BROWN, 1996).

Aqui mais uma vez vemos a conexão com a Antiguidade Clássica: ambos estavam interessados nos festivais esportivos como um vital gênero de

performance, fazendo para tal uma leitura da Grécia. Não por acaso, os eventos que organizavam em conjunto contemplavam demonstrações de esportes com influência helenista, danças e música gregas, entre outras coisas.¹³

De fato, algumas ressalvas devem ser feitas no que se refere à relação de Coubertin com a Antiguidade Grega. Edison Valente (1999), dialogando com o pesquisador David Young, nos informa que, na verdade, de início Coubertin sequer pensava nos Jogos. O desejo de renovar a educação francesa o levava à Inglaterra, e foi somente em 1890, quando presenciara a realização dos “Olympians Festivals”, organizados por W. Brookes em Shropshire, que tal intenção se materializou a seus olhos.¹⁴ Quando anunciou a iniciativa de recriar os Jogos Olímpicos modernos, em uma conferência na Sorbonne (1892), Coubertin sequer conhecia a Grécia (o que só veio a acontecer em 1896, já no contexto de negociação para a realização da 1ª edição do evento), e não demonstrava conhecimento aprofundado sobre a cultura grega. Os indícios demonstram, portanto, que Coubertin dialogava mais diretamente com quem, por sua vez, já dialogava com certas idéias e conceitos gregos.

Perceba-se que até esse momento de nosso artigo, pouco falamos da busca de diálogos com a Roma Antiga. Por que terá isso ocorrido? Nada haveria do período romano a ser mobilizado pelos discursos de Coubertin? Essa “ausência” não se trata de um fato isolado e deve ser entendida no contexto da época. Eva Cantarella (1996) e Michael Lind (2000) argumentam que, depois de um momento em que o legado cultural e político da República e Império Romanos estiveram em alta, sendo mesmo importante referência nas Revoluções Norte-Americana e Francesa, observa-se um declínio de sua influência e mesmo de sua reputação no decorrer do século XIX, algo que se segue no século XX:

A depreciação dos romanos e a promoção dos gregos não têm sido produtos de conhecimento aumentado ou gosto mais refinado. Em lugar disso, é o resultado de um viés anti-romano e antilatino que vem deturpando a cultura européia ocidental e americana desde o final do século 18 – um viés que o modernismo do século 20 herdou do romantismo do século 19 e do neoclassicismo do século 18 (LIND, 2000).

O helenismo romântico, crescente desde o final do século XVIII, no qual ocupava lugar de destaque a Alemanha, é de grande importância para entendermos o crescimento das preocupações com o esporte no cenário do século XIX. Johann Winckelmann exaltava o corpo dos gregos. Wilhelm Von Humboldt, inspirado na Grécia Antiga, propunha a união do esporte à escola em suas propostas de reformulação do ensino alemão. Sob essa influência, o inglês Thomas Arnold introduz a prática esportiva na Escola de Rugby e influencia o modelo de ensino dos colégios de formação das elites britânicas. Poetas ingleses, como Hoursman e Brooke, eram exemplos de como a cultura britânica se inspirava com a idéia de culto grego ao corpo atlético, algo estranho aos romanos (LIND, 2000).

A “ausência” de Roma no pensamento de Coubertin tem ligação com o forte diálogo que ele estabeleceu com os ingleses. Vale lembrar o quanto os britânicos do século XIX abandonaram as referências romanas e adotaram as gregas:

Grécia era la Inglaterra de los aristocráticos colleges. Y los ingleses eran griegos, habitantes del lugar donde habían nacido las luces destinadas a disipar la oscuridad de la barbárie. En este cuadro, Roma era solo el brazo armado de la cultura griega (CANTARELLA, 1996, p. 14).

Lind (2000) afirma que a única arte em que se percebeu a manutenção da força da tradição romana foi a arquitetura. Aqui, em especial, precisamos melhor investigar o pensamento de Coubertin, sabedores de que, como já citado, tinha uma preocupação com esse aspecto. É possível que, nesse quesito, sua influência tenha sido romana, ainda que relida como algo grego (ou neogrego, como define Lind).

Eva Cantarella (1996) constata que se pode observar, na Europa, a partir de meados dos anos 1930, um certo crescimento do repúdio ao período clássico, inclusive nos gregos. Isso, contudo, não chega a atingir diretamente os Jogos Olímpicos. Mais à frente discutiremos os Jogos de 1936 e veremos como, pelo contrário, a Grécia Antiga continuara sendo mobilizada nesses eventos. E assim seguira, ainda que em diferentes graus, por toda a história do Olimpismo e dessas competições. A relação com Antiguidade foi e continua sendo manipulada como forma apriorística de legitimação desses fenômenos sociais.

Os apontamentos apresentados até aqui me parecem suficientes para demonstrar que um certo olhar sobre a Grécia Antiga (estratégico e mediado pelo diálogo com outros teóricos do momento; marcado pela influência da filosofia eclética) marcou o pensamento de um dos principais responsáveis pela recriação dos Jogos Olímpicos e do Olimpismo moderno.

Falemos então sobre os Jogos Olímpicos de Berlim (1936) e sobre *Olympia* (1938), de Leni Riefenstahl. Argumentamos que ambos nos permitem de forma privilegiada discutir essa conexão entre uma determinada leitura da Antiguidade Clássica e os discursos contemporâneos sobre o esporte.

Os Jogos Olímpicos de 1936 (Berlim) e *Olympia*, de Leni Riefenstahl (1938)

Em maio de 1930, nas dependências da Universidade de Berlim, os membros do Comitê Olímpico Internacional ouviram a solicitação do Comitê Alemão para que a 11ª edição dos Jogos Olímpicos fosse realizada naquela cidade. Disputavam a indicação com Barcelona, na época já bastante movimentada politicamente, inclusive em função das ações de organizações de esquerda, entre os quais os anarquistas. Em setembro do mesmo ano, o partido nazista aumentara sua representação no Reichstag; de 12 para 107 cadeiras. Em 1931, o Comitê confirmou Berlim como sede (HOLMES, 1971).

A organização dos Jogos, em vários sentidos, tem relação direta com a ascensão do nazismo no cenário alemão. Até Hitler chegar ao poder, houve muitas dificuldades para o Comitê Alemão, no cenário de crise econômica em que estava imersa a República de Weimar. Com os nazistas no poder, o *fuhrer* determinou o investimento de grandes quantias e acompanhou pessoalmente a preparação do evento, o encarando como uma possível forma de propaganda do novo regime.

Por todo o mundo eclodiram críticas e contestações ao fato de os Jogos serem realizados em um país cujo regime não parecia condizente com o que pregavam os princípios do Olimpismo, notadamente no que se refere à perseguição de judeus, ainda que o Comitê local se esmerasse em afirmar que tal problema não atingiria os jogos e que mesmo o sistema passasse a mascarar algumas iniciativas de repressão, tentando melhorar sua imagem perante a opinião pública (HOLMES, 1971).

Com todas as polêmicas, antes, durante e depois de sua realização, de qualquer forma não é possível negar que o evento de 1936 foi o mais organizado e espetacular desses anos iniciais de recriação dos Jogos Olímpicos modernos.

Olympia (1938), dirigido por Leni Riefenstahl, por encomenda do Comitê Olímpico Internacional e com grande incentivo direto de Adolf Hitler (a despeito de muitas tensões com o alto comando do regime, inclusive com Joseph Goebbels, ministro da propaganda), é o documentário oficial dos Jogos Olímpicos de 1936. Este filme, um dos mais polêmicos da história do cinema, já despertou debates das mais diversas naturezas, indo desde a questão política do envolvimento de cinema e esporte com determinados regimes totalitários, passando pelas questões éticas do papel dos cineastas no forjar de representações sociais, chegando também às questões estéticas (já que Riefenstahl teve que criar mecanismos técnicos para permitir captar em toda plenitude os gestos esportivos, bem como inovou nas tomadas de planos inusitados). De fato, as polêmicas ao redor da cineasta são mesmo maiores do que o filme e de que sua obra.

Tendo conhecido Adolf Hitler em 1932, Leni foi convidada a filmar vários eventos do Partido Nazista, tendo dirigido, contando com grande orçamento e fartura de recursos técnicos, *O Triunfo da Vontade*, um monumental documentário sobre o congresso Nacional-Socialista alemão de 1934, um dos filmes de propaganda mais discutidos em todo o mundo.

Em 1936, Riefenstahl aceita o convite para dirigir *Olympia*, transformando o Estádio Olímpico de Berlim em um verdadeiro estúdio:

O estádio foi transformado num gigantesco estúdio cinematográfico. Ela escreveu, produziu e montou seu Olympia com recursos extraordinários: 23 operadores de câmera, trilhos para acompanhar em vôos e travellings os atletas em corridas e saltos, teleobjetivas gigantes, guias, 40 câmeras de diversos formatos (...). Contava com um crédito de 3 milhões de marcos concedidos por Goebbels. Segundo algumas fontes, até o dirigível Hindenburg e vários aviões foram mobilizados para as filmagens (NAZÁRIO, 1994).

Com todo esse aparato à sua disposição, não espanta que tenha filmado todas as modalidades da competição (inclusive muitos treinos). Foram mais de 250 horas de filmagem, cuja montagem, realizada pela própria

diretora, somente foi concretizada depois de 2 anos de trabalho intenso: o filme, dividido em duas partes, foi lançado em 1938. Em *Olympia* encontramos muitas das dimensões que norteavam o ideário do nazismo: a exaltação da beleza clássica, da perfeição, do vigor, da juventude, da pureza. De fato, essa era uma obsessão e uma característica de filmes anteriores dirigidos por Riefenstahl.

Olympia pode ser considerada uma das iniciativas pioneiras do diálogo dos Jogos Olímpicos com o na época mais típico produto da sociedade de massas: o cinema, uma manifestação cultural da modernidade. Destaca-se, entretanto, na película a correlação estabelecida entre a Grécia Antiga e a Alemanha, algo desejado por Hitler e seus seguidores, e materializado de forma competente por Leni. O cartaz dos Jogos Olímpicos de 1936 já indicara traços dessa tentativa de relacionamento.



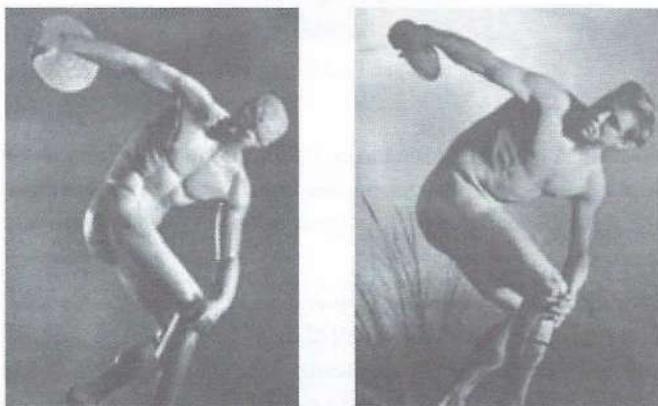
Cartaz dos Jogos Olímpicos de Berlim

As primeiras cenas do filme fazem menção direta à Grécia Antiga: são exibidas tomadas do Parthenon, de sítios arqueológicos e da estatuária grega. Essas são filmadas com uma câmera que as circunda, dando uma idéia de movimento, criando uma noção de passado vivo.



Take de *Olympia*, Leni Riefenstahl, 1938

Essa intencionalidade vai ficar mais clara com a exibição do Discóbulo, de Mirón. Por meio de uma fusão de imagens, a estátua imóvel transforma-se em um atleta alemão, que exhibe em seu corpo marcas bastante relacionadas ao ideário do nazismo: harmonia de formas, boa compleição muscular, disposição. Tais idéias são reforçadas nas cenas seguintes, quando são exibidos corpos de dançarinas e atletas alemães em movimento.



Takes de *Olympia*, Leni Riefenstahl, 1938

Em seqüência seguinte vemos um atleta, nas colinas de Olímpia, a acender a tocha olímpica, com os raios do sol refletidos em um espelho. O “fogo sagrado” percorre a Europa (2000 milhas), conduzido por mais de

3000 corredores, e chega até Berlim, onde se acende a pira na cerimônia de abertura do Jogos. O responsável por tal tarefa é Fritz Schilgen, um atleta de Berlim, louro, alto, forte, representação do modelo de corpo valorizado pelo sistema alemão.

A explicitude da busca de conexão com a Grécia Antiga é flagrante, como identifica um membro do Comitê Olímpico Britânico: “agora, no topo de uma grande escadaria, está um atleta muito bem proporcionado, de cabelos louros (...) Na metade da pista, ele corre como uma figura da mitologia grega...” (apud HOLMES, 1971, p. 89). Se a chama olímpica já fora acesa nos Jogos de Amsterdã (1928) e Los Angeles (1932), antes não houvera ritual dessa natureza (fora uma sugestão de Alexander Philadelphus, diretor do Museu Arqueológico de Atenas, e uma concepção de Carl Diem).



Take de *Olympia*, Leni Riefenstahl, 1938

No filme, o atleta é enfocado como um modelo, símbolo de homem adequado aos novos tempos. As opções estéticas da diretora (closes nas musculaturas, takes tomados de baixo para cima, uso de sombras) reforçam a sua relação com o divino.

Olympia não foi o primeiro filme a fazer uso das atividades físicas para difundir tais pressupostos. Em 1925, a poderosa UFA já produzira “O caminho da força e a beleza”, antes mesmo da ascensão definitiva do nazismo, enfocando a ginástica e o esporte a partir de algumas compreensões futuramente observáveis no período de Hitler (ESPERANÇA, 1993). Da mesma maneira, mesmo instituições de contraposição ao regime tentaram fazer uso dessas imagens para difundir seus princípios, como é o caso de “Kuhle Wampe ou a quem pertence o mundo” (1931), de Slatan Dudow, com roteiro de Bertold Brecht (MELO, 2005).

Deve-se ressaltar, logo, que essa forma de encarar o atleta, o esporte e as atividades físicas como um todo não era exclusividade do cenário alemão daquele momento. Em vários países, desde o fim do século XIX, dialogando com as próprias peculiaridades de construção do imaginário da modernidade, já eram perceptíveis preocupações com a higiene, com a formação corporal, com a saúde, com a beleza, sempre a partir de uma compreensão clássica, do diálogo com uma leitura da Antiguidade: harmonia e equilíbrio de forma. O torto, o deformado, o feio enfrentavam reticências, mesmo que os movimentos de vanguarda artística, entre os quais o expressionismo alemão, trabalhassem de alguma forma com essas dimensões. Aliás, não custa lembrar que houve uma verdadeira caça a esse tipo de arte quando da ascensão do nazismo.¹⁵

Olympia, alinhado com essas idéias, denotadas na ideologia nazi-fascista, é um hino à perfeição, faz claras referências a uma juventude sadia e forte que ocupará um importante papel, não só nos campos de provas (o dito), mas nas fábricas e nos *fronts* de guerra (o não dito, o sugerido). É uma ode ao indivíduo que abandona a individualidade em prol da construção da nação, ainda que seja polêmica a relação entre nacionalidades e o Movimento Olímpico, que sempre se esmerou em afirmar que os Jogos não se constituem em competições entre nações, tanto assim que sequer reconhece um quadro de medalhas por países.

Olympia, juntamente com os Jogos de 1936, marca definitivamente o fim de uma compreensão que perpassa os princípios do Olimpismo, mesmo que esta permaneça até hoje nos discursos do Movimento Olímpico: o de independência do esporte em relação aos acontecimentos sociais e políticos, algo que fora construído por Pierre de Coubertin a partir de sua leitura da Antiguidade grega.

Deflagradamente, o esporte se inseria no quadro contextual político internacional, e sofreria desta influência constante, algo que seria muitas vezes observado no decorrer da história, como nas não realizadas edições dos Jogos Olímpicos de 1916, 1949 e 1944, em função das duas grandes guerras mundiais; nas manifestações dos “panteras negras” nos Jogos de 1968 (México); no episódio do assassinato de atletas de Israel (Munique, 1972); e nos boicotes de países diversos, por motivos diferentes, observados nos Jogos de 1976 (Montreal), 1980 (Moscou) e 1984 (Los Angeles). Vejamos aqui mais uma vez que a “tradição inventada” se curvava ao concreto: não seria mesmo possível “recriar” exatamente o que se supunha ocorrer na Grécia da Antiguidade.

Milton José de Almeida (2002) percebe que, desde Berlim, definitivamente os Jogos Olímpicos

são, também, uma simulação estilizada e controlada das guerras entre nações. Os territórios a serem conquistados não são terras e cidades, mas são locais morais e virtuosos que têm sua representação visual no pódio. A guerra social e econômica que ocorre no planeta ocorre aí em simulação visual e realismo controlado. As normas da competição simulam os tratados internacionais que regulam a convivência harmônica entre os homens e as nações. As provas simulam a prática dessa convivência. O último colocado possui a perfeição do Vício, o primeiro, a perfeição da Virtude (p. 80).

O que surpreende é que não vejamos que ainda hoje muitos filmes e mesmo a cobertura das redes de televisão enfocam o esporte de forma aproximada a de Riefenstahl, exaltando parâmetros bastante semelhantes, mesmo que sem se dar conta. Esse é um dos riscos da extrema “estetização” do esporte na sociedade contemporânea. Nazário (1994) vai direto ao ponto:

O espírito fascista que Olympia exaltou foi incorporado à sensibilidade do mundo moderno, e ampliado como nunca antes. Nos Jogos Olímpicos de Atlanta de 1996, revivendo a estética de Leni Riefenstahl, esportistas posam nus para álbuns artísticos de fotografias; e uma monumental “família olímpica”, composta por 10700 atletas de 197 países, 12 mil jornalistas e dois milhões de turistas, prepara-se para vencer, no espírito inaugurado pelas Olimpíadas de 1936. A parafernália usada por Riefenstahl para a filmagem exclusiva dos Jogos de Berlim não passa de sucata comparada às coberturas atuais de TV.

Acho exagerada a afirmação de Nazário. O fato de os Jogos Olímpicos de hoje, bem como a difusão de um modelo corporal clássico, envolverem tanta gente e tanto dinheiro pode dever-se mais ao imenso interesse comercial que há ao redor desses eventos. Além disso, o autor considera de forma homogênea tanto atletas quanto público. Há muitos que estão presentes eminentemente por causa da vitória, mas outros sabem que não têm a menor chance, e para estes a festa pode ser maior do que tudo. No que se refere ao aparato tecnológico, nada mais normal, já que o progresso dos poderosos meios de comunicação permite tal possibilidade de uso.

Acho-a sim exagerada, mas não de todo equivocada. Não duvido e acredito que muitos dos pressupostos presentes em *Olympia* ainda estejam a nos impregnar. Parece prudente, portanto, ao analisar a presença do esporte na sociedade contemporânea, nos afastarmos dos extremos, tentando melhor captar o objeto em sua complexidade. *Olympia*, na verdade, exalta compreensões que sempre estiveram presentes ao redor dos Jogos Olímpicos, até mesmo em função de sua ligação com o mundo grego recriado de forma idealizada, algo que continua de certa maneira agregado a esse evento até os dias de hoje, mesmo que por motivos diferentes (antes o nazismo, hoje o mercado).

Enfim, se *Olympia* e os Jogos Olímpicos estão eivados de leituras e compreensões acerca da Antiguidade Clássica, parece interessante que demos continuidade a nossos esforços de investigação, algo que pode nos permitir descortinar de forma mais aprofundada e adequada a presença do antigo no moderno.

Conclusão

Mesmo que o evento de 1936 (que se tornou conhecido como “Jogos de Hitler” ou “Jogos do Nazismo”) já tenha sido motivo de muitos estudos no cenário internacional,¹⁶ parece ainda não suficientemente discutida essa mobilização da Antiguidade Clássica nos discursos ao redor do Olimpismo e dos Jogos Olímpicos, inclusive os de Berlim.

Kimon Speciale, em sua dissertação de Mestrado, em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em História Comparada – IFCS/UFRJ, tem trabalhado com a hipótese de que o atleta alemão é representado como o herói enquanto a guerra não vem, uma função propedêutica, portanto. Para tal, busca conexões entre os discursos sobre a formação do atleta/herói/ guerreiro alemão e uma leitura do momento/contexto sobre a cultura grega (algo declarado), e não-declaradas (ou melhor menos declaradas) práticas mais típicas da Roma Antiga (tanto quanto no caso grego, uma leitura contextual e interessada).

Valerá ainda uma discussão mais aprofundada acerca de outros movimentos que mantiveram relações com as idéias presentes na realização dos Jogos de 1936, como, por exemplo, com os futuristas italianos, que tematizaram muito o esporte em suas obras, bem como o utilizaram como inspiração em alguns de seus manifestos. Mesmo que a prática esportiva

fosse comumente apresentada como elemento de contraposição à tradição, sua representação aproximava-se bastante dos modelos gregos (MELO; MONTEIRO, 2006). Argumentamos que mais uma vez pode-se identificar uma leitura eclética e a persistência do antigo no moderno.

Aliás, não custa lembrar, a título de reforçar essa análise, as polêmicas ao redor da ligação dos futuristas com o fascismo italiano, bem como o fato de que foram os responsáveis pela preparação dos cartazes de divulgação dos Jogos de Berlim. Não por acaso tal relacionamento capitaneou críticas de Walter Benjamin, crítico tanto do futurismo quanto dos Jogos de 1936 (MELO; VAZ, 2006).

A idéia de leitura eclética, assim, precisa de uma discussão mais aprofundada, e *Olympia* constitui-se em boa fonte para tal. Basta lembrar que, na abertura da segunda fita, vislumbramos uma série de atletas nus, em um cenário bastante bucólico, cercados por uma natureza aparentemente primitiva, banhando-se nos lagos e correndo pelas matas. Certamente uma análise mais cuidadosa nos permitirá traçar diálogos com o Romantismo Alemão, inclusive a partir de suas relações e apreensões no âmbito do nazi-fascismo, ainda mais se tivermos em conta que a Alemanha foi “o epicentro do helenismo romântico” (LIND, 2000).¹⁷



Take do filme *Olympia*, Leni Riefensthal, 1938

Lembremos ainda que essa seqüência claramente dialoga com as práticas naturistas tão em voga na Alemanha do início do século. O naturismo, concebido como uma prática médica e também dialogando com o romantismo alemão, era apresentado como alternativa para os males da modernidade, propugnando uma idéia de retorno à natureza e uma visão idealizada de corpo. Na Alemanha, o naturismo adotará idéias nacionalistas e anti-semitas, reforçando a ligação com o esporte, com o ideal de juventude e com a noção de higiene (ROJO, 2007). A ligação com uma leitura da Grécia Antiga também aí é mobilizada.

Enfim, como previra na introdução deste artigo, este estudo mais problematiza do que aponta conclusões. Creio que temos um fascinante objeto de estudo para o diálogo entre historiadores do esporte e historiadores da Antiguidade.

Por certo, nesse caminho devemos evitar a tentação de utilizar a Antiguidade como forma de justificativa do moderno, bem entabular interpretações mais complexas, à luz do que sugerem as perspectivas propostas pelo método da História Comparada. Mais ainda, parece um desafio dialogar também com as construções sociais e culturais da Roma Antiga, uma faceta menos visível nos dias de hoje dado a sua desvalorização, observável desde o final do século XVIII (LIND, 2000).

Nesse percurso, teremos mesmo que encarar as discussões sobre o conceito de esporte. Se formos dialogar com Pierre Bourdieu (1983), em sua compreensão sobre o delineamento do campo esportivo, podemos afirmar que se trata de uma construção moderna. Mesmo que não discorde dessa compreensão, creio que podemos trabalhar o “esporte” como categoria e, assim sendo, verificar as semelhanças e dessemelhanças entre as práticas corporais institucionalizadas na Grécia, na Roma Antiga e na Modernidade, promovendo os debates entre a Antiguidade Clássica e a contemporaneidade.¹⁸

Termino este artigo com uma citação das Prof.^{as} Neyde Theml e Regina Bustamante (2005), sobre o trabalho do Laboratório de História Antiga (LHIA) do IFCS/UFRJ:

O LHIA sempre considerou as sociedades antigas como algo vivo na nossa cultura, pois ao situar o seu lugar em uma história humana, que abrange muitos caminhos, nos leva a refletir mais lucidamente sobre as implicações e os embates da nossa civilização e a

esclarecer o que somos, comparados e confrontados aos 'outros'. Questões do mundo contemporâneo trazem, para o âmbito da História Antiga, campos de visibilidade da vida social ainda inexplorados, e esta visibilidade nos permite entender através do encontro com a diferença, nossos próprios caminhos e opções (p.10).

Certamente o contrário também se aplica. Os encontros com a Antiguidade podem trazer novas inquietações para os historiadores da contemporaneidade, desestabilizar certas construções, incomodar o nosso olhar.

Assim sendo, ao diálogo!

Bibliografia

ALMEIDA, Milton José. A liturgia Olímpica. *In*: SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BROWN, Douglas A. Pierre de Coubertin's Olympic exploration of Modernism, 1894-1914: aesthetics, ideology and the spectacle. **Research quartely for exercise and sport**, v.67, n.2, p.121-135, jun.1996.

CANTARELLA, Eva. **El peso de Roma en la cultura europea**. Madrid: Akal, 1996.

CARVALHO, A. Melo de, CONSTANTINO, José Manuel. **O que é olimpismo?** Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

CLARK, T. J. **A pintura da vida moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DACOSTA, Lamartine Pereira. O Olimpismo e o equilíbrio do homem. *In*: TAVARES, Otávio, DACOSTA, Lamartine Pereira. **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Gama Filho, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESPERANÇA, Ilma. **O cinema operário na República de Weimar**. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

FRASCINA, Francis e colaboradores. **Modernidade e modernismo: a pintura francesa no século XIX**. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

HARRISON, Charles, PERRY, Gill, FRASCINA, Francis. **Primitivismo, cubismo, abstração: começo do século XX**. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

HOBERMAN, John. Toward a theory of olympic internationalism. **Journal of Sport history**, v.22, n.1, 1995.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOLMES, Judith. **Olimpíada – 1936 – glória do Reich de Hitler**. Rio de Janeiro: Renes, 1971.

KRUGER, Arnd. **The Nazi Olympics: sport, politics and appeasement in the 1930s**. Illinois: University of Illinois Press, 2003.

LESSA, Fábio de Souza. Corpo, esporte e masculinidade em Atenas. **Phoënix 10**: 111-132, 2004.

_____. Atividades esportivas nas imagens áticas. **Phoënix 11**: 57-70, 2005.

_____. Corpo e esporte em Atenas: análise de uma *enócoa* do Museu Nacional da UFRJ. **Phoënix 12**: 105-119, 2006.

LIND, Michael. A segunda queda de Roma. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 de outubro de 2000.

MARINHO, Inezil Penna. **Os clássicos e a Educação Física**. Rio de Janeiro: Editora Educação, 1945.

MELO, Victor Andrade de. História da Educação Física e do Esporte no Brasil – panorama, perspectivas e propostas. *In*: MELO, Victor Andrade de. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. São Paulo: Ibrasa, 1999.

_____. Jogos Olímpicos e arte: Olympia. *In*: MELO, Victor Andrade de, PERES, Fabio de Faria. **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora do Senac Nacional, 2005.

_____. **Cinema e esporte: diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

_____. **Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites**. Rio de Janeiro: PPGHC, 2007. mimeo.

_____. ; MONTEIRO, Mônica Borges. **A presença do esporte nas artes plásticas brasileiras: diálogos com o novo realismo**. Anais do X

Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança. Curitiba, 2006.

_____.; VAZ, Alexandre Fernandes. Cinema, Corpo, Boxe: reflexões sobre suas relações e notas sobre a questão da construção da masculinidade. *ArtCultura*, Uberlândia, v.8, n.12, p.139-160, 2006.

NAZÁRIO, Luiz. O eterno retorno de Leni Riefenstahl. *Revista Cultura Vozes*, Petrópolis, 1994. Disponível em: www.culturavozes.com.br/revistas/0494.html.

RAMOS, Jair Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: Ibrasa, 1982.

TAVARES, Otávio. Referenciais teóricos para o conceito de olimpismo. In: TAVARES, Otávio; DACOSTA, Lamartine Pereira. **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Gama Filho, 1999.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Editorial – “Entre Adão e Cabral”, a revista Phoênix (1995-2004). **Phoênix 11**: 9-15, 1995.

ROJO, Luiz Fernando. Mens Pulchra In: Corpore Sano. **Esporte e sociedade**, Rio de Janeiro, ano 2, n.5, mar.-jun./2007.

SEVCENKO, Nicolau. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.6, n.11, p.78-88, 1993.

VALENTE, Edison Francisco. Notas para uma crítica do Olimpismo. In: TAVARES, Otávio, DACOSTA, Lamartine Pereira. **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Gama Filho, 1999.

VIEIRA, João Luiz. Anatomias do visível: cinema, corpo e a máquina da ficção científica. In: NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Notas

¹ Por exemplo, os livros de Marinho (1945) e o de Ramos (1982).

² Procedi uma discussão sobre a historiografia da educação física e do esporte no Brasil em Melo (1999).

³ Os motivos desse ciclo de crescimento de estudos históricos ligados às práticas corporais foram discutidos em Melo (2007).

⁴ Para situar o grau de penetrabilidade mundial do esporte, basta dizer que nos dias de hoje há mais países ligados ao Comitê Olímpico Internacional do que à Organização das Nações Unidas. Da mesma maneira, os Jogos Olímpicos são um dos maiores eventos do planeta, só perdendo em movimentação financeira e de público para outra competição esportiva: as Copas do Mundo de Futebol.

⁵ Uma discussão interessante sobre tal questão pode também ser encontrada no livro organizado por Charney e Schwartz (2001).

⁶ Não por acaso, em função dessas novas preocupações, podemos identificar muitos médicos envolvidos com as origens dos métodos ginásticos e/ou com pesquisas utilizando o esporte como aplicação e preocupação central. Na Alemanha (método alemão), Suécia (método sueco), Dinamarca (método dinamarquês) e França (método francês) foram os responsáveis pelo desenvolvimento do que eram consideradas práticas adequadas de uso corporal para manutenção da saúde. Eram os responsáveis pelo receituário acerca do que poderia ou não ser executado.

⁷ Aqui estou claramente dialogando com as idéias de Hobsbawn e Ranger (2002).

⁸ Hoberman (1995) dialoga com as peculiaridades do movimento da Cruz Vermelha e do movimento escoteiro (e nós poderíamos acrescentar a própria Internacional Socialista) para teorizar sobre o internacionalismo do movimento olímpico.

⁹ Vale lembrar que os Jogos Olímpicos eram apenas mais um dos muitos festivais realizados em muitas outras cidades gregas.

¹⁰ Essa é uma das discussões centrais de Brown (1996). Dacosta (1999) também debate o assunto e apresenta outros autores que se debruçaram sobre a questão. Ainda sobre o ecletismo e a filosofia eclética, sugiro os estudos de Clark (2004) e Frascina e colaboradores (1998).

¹¹ Uma discussão sobre as diferentes definições de Olimpismo, tanto na obra de Coubertin quanto na obra de outros autores, pode ser obtida no estudo de Tavares (1999).

¹² A antroposofia de Steiner considerava de maneira eclética as tradições do hermetismo, do pitagorismo, do gnosticismo, da cabala e da rosa cruz. Maiores informações podem ser obtidas em: <http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus>.

¹³ Para uma discussão sobre os encontros entre Coubertin e Pottecher, bem como suas relações com o Brasil do início do século, ver o artigo de Nicolau Sevcenko (1993).

¹⁴ Existiam já outras iniciativas de recriação de eventos similares, como os Jogos Escandinavos (conduzidos por Gustav Schartan, cuja primeira edição ocorreu em 1834) e os Jogos Pan-helênicos (conduzidos por Evangelis Zappa, na Grécia, em 1850 e 1870). Essas iniciativas, contudo, por motivos diversos, não lograram sucesso e/ou continuidade (CARVALHO, CONSTANTINO, 1986).

¹⁵ Uma bela discussão sobre este assunto pode ser obtida no documentário “A arquitetura da destruição”, de Peter Cohen (1992).

¹⁶ Entre muitos outros, sugerimos o estudo de Kruger (2003).

¹⁷ Lind nos dá ainda uma pista de possível investigação, ao demonstrar que a ligação da Alemanha aos gregos funcionava como uma certa “declaração de independência” em relação aos franceses, antes muito ligados aos romanos. As polêmicas ao redor da construção da idéia de Jogos Olímpicos poderia ter também enfrentado resistências francesas aos diálogos de Coubertin com alemães e ingleses.

¹⁸ A Prof.^a Norma Musco Mendes, por exemplo, vem trabalhando nessa perspectiva ao promover uma análise comparada entre o Império Romano e o “Império Norte-americano”.